



heroisdobrasil.art.br

Um olhar sobre o jornalismo em tempos de pandemia

por Vivian Neves Fernandes, jornalista

Estamos vivendo a guerra de nossa época. Assim pode ser lida a disseminação da covid-19, que é considerada uma pandemia desde março de 2020, com o anúncio como tal pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Nesta batalha contra o coronavírus, o inimigo é mundial, invisível, sorrateiro e impôs à humanidade a luta contra ele, sem deixar escolha.

Como em toda guerra, há os que se destacam por atuarem na linha de frente e há aqueles que ocupam outras trincheiras, mais “invisíveis”, mas não menos importantes. Em coberturas de jornalismo de guerra, em geral, as decisões e atuações de generais e soldados estão presentes em muitos relatos. As vítimas, com toda razão, também recebem grande atenção. Com menos ênfase estão os trabalhadores, aqueles essenciais para a manutenção da vida em território em conflitos.

Os critérios jornalísticos podem ser enumerados para justificar tais escolhas, mas do ponto de vista humano, de reconhecimento e justiça, não há outro caminho que não trabalhar com um equilíbrio de cobertura e dar peso e espaços igualitários para distintos aspectos e personagens dessa pandemia.

Sobre esses heróis essenciais para que a vida siga em frente, ainda que circulem menos histórias no jornalismo tradicional, há inúmeras vivências, diversos desafios, dores e batalhas para contar. Ainda mais em um cenário em que a pandemia vem sendo quase que pauta única de diversos veículos de imprensa desde 2020, ou seja, é um desafio constante o de diversificar a cobertura e trazer novos enfoques, histórias e questões à tona.

Infelizmente, os dados sobre como a covid-19 atingiu diversas categorias de trabalhadores corrobora com esse ponto de vista. Nitidamente, os profissionais de saúde registram números alarmantes de óbitos, com 1.411 profissionais mortos pelo coronavírus, em um universo de 5.798 óbitos dessas categorias entre março de 2020 e fevereiro de 2021, um aumento de 25,9%, em relação ao mesmo período do ano anterior. O levantamento é da Arpen-Brasil (Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais).

Ainda que com números altos e crescentes de falecimentos entre os profissionais de saúde, outros trabalhadores também estão em situação alarmante. Ainda que não se tenha uma pesquisa nacional que relacione as



heroisdobrasil.art.br

mortes por covid-19 e as categorias profissionais, alguns levantamentos podem dar pistas sobre a situação.

Segundo análise da empresa Lagom Data, com base em dados do Ministério da Economia e encomendada pelo jornal El País, entre os trabalhadores formais que não puderam ficar em casa durante a pandemia, frentistas de postos de gasolina, operadores de caixa de supermercado e motoristas de ônibus tiveram um aumento de mais de 60% no número de mortes na comparação de janeiro e fevereiro de 2020 (pré-pandemia) com os mesmos meses de 2021. Não há informações sobre as causas das mortes pelos registros oficiais, mas pela metodologia do estudo, que prevê a comparação com os dados gerais do aumento de mortes do país antes e após a pandemia, é possível afirmar que os óbitos possuem relação com a covid-19.

Outro estudo, este circunscrito à cidade de São Paulo e realizado pelo Instituto Pólis, revela que pedreiros, empregadas domésticas e motoristas de carros de aplicativo estão entre as profissões mais impactadas pelo coronavírus, considerando a proporção de vítimas fatais dentro do universo de profissionais na área de atuação. O levantamento se baseia em dados entre março de 2020 e março de 2021. Em números absolutos, trabalhadores do comércio e da construção civil são as profissões que mais morreram por covid-19 na capital paulista. O mesmo estudo indica que mais da metade das mortes ocorreu entre as pessoas empregadas, mas com pequena diferença no número de óbitos estão aposentados e donas de casa.

Cabe ao jornalismo a urgente missão de amplificar as histórias dessas vítimas e problematizar as circunstâncias em que essas mortes ocorrem, por exemplo, debatendo o isolamento social, o controle da disseminação, garantias por parte de Estado de emprego e renda e o que é, de fato, um serviço essencial nesses tempos. Como um serviço público e com o compromisso com a sociedade, é necessária uma cobertura que ouça múltiplas vozes, relatos e pontos de vista que tragam a dimensão do que essa pandemia significa, além de homenagear e resguardar a memória das perdas ocorridas nesse tempo triste e nebuloso.

Dados, estatísticas, contagem de infectados e mortos são importantes, pois explicam a grandiosidade do problema, mas sem histórias reais, personagens, narrativas de vida, não se abre a esfera emocional - de conforto ou indignação - do que significa a vida neste período.

Ainda que possa parecer uma cobrança, é importante ressaltar que os jornalistas brasileiros também registram suas perdas e vivem um cotidiano de



heroisdobrasil.art.br

estresse e desgaste emocional nesta pandemia. O Brasil e a Índia são os países que mais contabilizam mortes pela covid-19 entre jornalistas. Ainda que em condições melhores para evitar falecimentos em relação a outras profissões, já foram registradas 239 mortes de jornalistas por covid-19 em solo brasileiro até o mês de maio de 2021, atrás apenas da Índia, com 246 óbitos, segundo a organização Press Emblem Campaign (PEC).

Assim, há que se ter uma análise apurada da cobertura jornalística, mas é preciso também falar da saúde dos jornalistas, além da saúde física, a saúde mental. Assim como outras categorias, o jornalismo também é um serviço essencial e não parou durante a pandemia. A busca por informações confiáveis sobre a covid-19 é gigante em meio à disseminação de *fake news* e aos discursos negacionistas. E há um esforço do trabalho da imprensa em manter um bom jornalismo funcionando, em um ritmo de produção que não diminuiu, muito pelo contrário, aumentou significativamente.

Não há folga nem descanso. Por mais que não se esteja dentro da sala de redação ou na cobertura de rua, nós, jornalistas, estamos absortos em uma espiral de 24h de informação sobre a pandemia. É preciso estar atento a todos os detalhes, todos os números e histórias, muitas vezes sem tempo para sentir as dores do que é ouvir e contar sobre tantas mortes, tanto desespero e angústia. Sim, estamos cansados, mas não podemos parar, sabemos do peso da responsabilidade e, também, dos privilégios que temos, por isso, precisamos nos prevenir, mas também seguir com o dever e a responsabilidade que cabe ao jornalismo de informar e formar a população sobre essa intensa batalha em que vivemos, com a esperança de que todos sejamos vacinados e esta guerra se torne menos dura.



Vivian Fernandes é jornalista e doutoranda em Ciências da Comunicação na ECA-USP. Trabalhou por mais de dez anos no jornal Brasil de Fato, nas áreas de rádio, impresso e online. Atualmente é assessora de Comunicação da rede global Assembleia Internacional dos Povos.

APOIO



REALIZAÇÃO



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

